

O QUARTO DE MILHA DE VAQUEJADA (1998)



É muito presente entre os criadores de cavalos e vaqueiros nordestinos a discussão em torno de qual linhagem é própria para o esporte da vaquejada. Cada um defende uma teoria, uma linhagem ou um determinado cavalo, sem muitos fundamentos possíveis de convencimento. Na verdade o Quarto de Milha mostra-se que ainda é realmente um cavalo versátil, pois em todas as linhagens se atestam cavalos correndo boi. Em umas linhagens mais, em outras menos. O que se pode afirmar sem medo de errar é que existem poucos criadores de cavalos de vaquejada e que não existe ainda no berço do cavalo de vaquejada uma organização para discutir a criação de uma linhagem específica.

Do surgimento do Quarto de Milha nos Estados Unidos até sua preponderância no mercado Nacional ocorreram muitas mudanças no perfil desse cavalo. O animal que nasceu com a bandeira do “Cavalo mais versátil do mundo”, começa aos poucos por organização dos melhores criadores americanos a se especializarem em categorias distintas e a formarem associações tão poderosa quanto a AQHA (Associação Americana de Cavalo Quarto de Milha). O emblemático Quarto de Milha deixa a sua versatilidade e passa a se especializar nas modalidades de rédea, apartação, conformação, corrida, etc. A cada modalidade corresponde uma organização, com criadores, regulamentos e uma linhagem definida.

Os cavalos de apartação estão agrupados em linhagens de garanhões e éguas com um senso de lida mais aguçado. Os de rédeas em uma morfologia e aptidão para o esbarro. Os de conformação em um protótipo que mais se aproxime do padrão racial. Os de corrida, os mais velozes e assim seguem outras modalidades buscando em grupos de cavalos as qualidades mais próprias ao fim que se propõe a criação.

Daí, gerar-se entre criadores e vaqueiros a grande polêmica de qual é a linhagem melhor para vaquejada, como se o esporte exigisse do cavalo atleta apenas uma boa rédea, ou uma boa lida, uma boa conformação isoladamente. Na verdade o bom cavalo de vaquejada necessita além dessas características outras como velocidade, personalidade, resistência, etc. Então não podemos dizer ainda que qualquer uma dessas linhagens é própria para a vaquejada. Os bons cavalos que existem correndo em alguma linhagem isolada ficam na conta da versatilidade do Quarto de Milha.

É preciso muito mais para se ter o cavalo que queremos. Temos que ter um pouco de paciência e seguir a receita dos americanos na formação de linhagens. Estamos falando de criar cavalos específicos para a vaquejada: isto leva um certo tempo. Estamos falando de explorar a parte funcional do cavalo e não apenas o fenótipo. A decisão para quem cria animais de conformação não leva mais de trinta dias após o nascimento do potro, para saber se aquele potro poderá ser campeão. Em vaquejada leva-se alguns anos. Então vê-se que a produção de potros de vaquejada é artesanal e demanda além de tempo, altos custos. Não se faz esse

cavalo em apenas uma geração. Não se faz com um garanhão apenas. Não se faz seguindo somente a orientação do consumo momentâneo do mercado de cavalos de vaquejada.

Não podemos formar uma linhagem de cavalos de vaquejada se estamos dando valor maior a outros ingredientes em detrimento ao que realmente interessa a raça. Não podemos formar esse cavalo se não estivermos estocando o sangue dos antepassados que deram certo. Onde estão os parentes dos grandes campeões de vaquejada dos anos 70 e 80? Ainda existem? Muitos poucos sobreviveram. Se não criarmos a consciência de preservar as gerações que fizeram sucesso e agregar a elas os valores que o mercado atual está exigindo, estaremos por muito tempo, ouvindo a mesma polêmica : qual é a melhor linhagem para a vaquejada?

José Teixeira de Souza Júnior

Natal, dezembro de 1998.